

## A FAMÍLIA DE CONSTRUÇÕES ERGATIVAS NO PORTUGUÊS

Larissa Ciríaco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, investiga-se o padrão oracional ergativo em português a partir de um ponto de vista inovador em três aspectos principais. Em primeiro lugar, parte-se da observação de que a ergativa apresenta significado próprio, independente do significado de verbos, constituindo-se uma *construção* na língua, nos termos da Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006). Em segundo lugar, observa-se que a construção ergativa não se limita a verbos causativos, podendo fazer com que verbos sofram algum tipo de coerção e obtenham a propriedade semântica necessária para a compatibilização. Por fim, mostra-se que a ergativa não compreende apenas uma construção, mas sim uma família composta por duas construções relacionadas - uma com, e outra sem o clítico. A análise mostra os verbos compatíveis com a família de construções ergativas em português e propõe uma representação para elas de modo a descrever sua semântica e sua sintaxe e prever sua produtividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ergativas. Construções relacionadas. Gramática de construções.

**ABSTRACT:** This paper investigates the ergative pattern in Portuguese from an innovative point of view on three main aspects. Firstly, from the observation that the ergative pattern features meaning itself, independently of the meaning of verbs, it is defined as a *construction*, in terms of Goldberg's Construction Grammar (1995, 2006). Secondly, it is shown that the ergative construction is not limited to causative verbs. In fact, some verbs can instantiate the construction by means of coercion. Finally, it is also shown that the ergative pattern is best accounted for as a family of two related constructions, one with the clitic and other without it. The analysis shows the verbs that are semantically compatible with them in Portuguese and proposes a representation for them in order to describe their syntax and semantics and predict their productivity.

**KEYWORDS:** Ergative construction. Related constructions. Construction grammar.

### Introdução

Neste artigo será analisado o padrão oracional conhecido tradicionalmente como ergativo nos trabalhos de cunho lexicalista, em que as sentenças ergativas são tratadas como contrapartes intransitivas da alternância causativa (cf. WHITAKER-FRANCHI, 1989, LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1995, CIRÍACO, 2007, entre outros). Nessa linha de investigação, a análise se limita, por definição, a sentenças monoargumentais produzidas com verbos

---

<sup>1</sup> Professora Doutora em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [laciriac@gmail.com](mailto:laciriac@gmail.com).

causativos que são "intransitivizados", perdendo seu argumento agente, como *quebrar* em *o copo quebrou*.

Neste artigo, toma-se uma posição diferente em três aspectos principais. Em primeiro lugar, observa-se que a ergativa apresenta significado próprio, independente do significado de verbos. *Quebrar* não pode ser um verbo "ergativo" na construção ergativa, mas "causativo" na construção transitiva - o que muda não é o verbo, mas sim a construção que ele elabora. A construção, sendo dotada de significado, contribui semanticamente para a elaboração oracional final junto com o verbo. Com base nisso, adota-se a Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) como quadro teórico e entende-se a ergativa como uma *construção* da língua, ou seja, uma unidade gramatical independente em que há uma associação simbólica entre forma e significado.

Em segundo lugar, por possuir significado próprio, a construção ergativa não se limita a verbos causativos nem é resultado de um algum processo ou regra lexical de "intransitivização". Assumir um processo desse tipo implicaria dizer que a ergativa é compatível apenas com verbos de determinada classe, e os dados mostram que esse não é o caso. De fato, a construção ergativa é um padrão oracional manifesto de diferentes maneiras por verbos causativos, verbos agentivos de afetação e verbos inacusativos, estando aberta a novas conceptualizações e podendo fazer com que verbos sofram algum tipo de coerção para obter a propriedade semântica necessária à compatibilização. Por fim, esta pesquisa mostra que a ergativa não compreende apenas uma construção, mas sim uma família de duas construções relacionadas.

Além da teoria de Goldberg, adota-se, em parte, a metodologia de Ciríaco (2011, 2014) para circunscrever o significado da construção ergativa, como detalhado na seção seguinte. A terceira seção apresenta os resultados da pesquisa, mostrando os verbos compatíveis com a família de construções ergativas em português e propondo uma representação para elas a fim de descrever e prever sua produtividade. Na quarta seção são tecidas algumas considerações finais para o artigo.

### **Bases teóricas e metodologia de análise**

Segundo as teorias construcionistas, uma **construção** é uma unidade gramatical simbólica, em que uma forma se encontra associada a um significado. Nesse modelo gramatical, todas as unidades linguísticas são construções, variando apenas em complexidade e

esquemática ao longo de um *continuum*, que vai do léxico – mais específico e de menor complexidade – à gramática – mais esquemática e de maior complexidade, como esclarece Langacker (2008). A palavra MESA, por exemplo, é uma construção menos complexa e menos esquemática do que o padrão oracional SVO, que também é uma construção. Goldberg (1995) explora uma subclasse de construções linguísticas - as **construções de estrutura argumental**, que são padrões oracionais, ou seja, construções de tipo mais esquemático. A grande vantagem de se entender padrões oracionais como construções está em se reconhecer um significado próprio a eles, independentemente dos itens lexicais que os preenchem, e, mais especificamente, independentemente do significado de verbos. A construção transitiva, por exemplo, é uma construção de estrutura argumental cuja forma sintática é SVO (em português, inglês e várias outras línguas) e cujo significado prototípico envolve uma transferência entre um agente e um paciente, conforme mostram Goldberg (1995) e o estudo para o português de Ciríaco (2014).

Na Gramática de Construções de Goldberg (1995), a integração entre verbos e construções de estrutura argumental é governada por dois princípios: o Princípio da Coerência Semântica, de acordo com o qual apenas papéis semanticamente compatíveis de verbos e construções podem fundir-se; e o Princípio da Correspondência, segundo o qual cada **papel participante do verbo** deve ser expresso e fundido com um **papel argumental da construção de estrutura argumental**.

Assim, um verbo elabora uma construção de estrutura argumental quando há compatibilidade semântica entre ele e a construção, o que significa compatibilidade entre os papéis argumentais da construção, que são lugares (*slots*, no original) na representação semântica das construções, e os papéis participantes do verbo, que são lugares na representação semântica dos verbos (cf. GOLDBERG, 1995, p. 110). A distinção entre papéis participantes e papéis argumentais serve para capturar o fato de que verbos estão associados a uma semântica rica e específica e, portanto, a papéis semânticos também específicos, enquanto construções de estrutura argumental estão associadas a “estruturas semânticas decomposicionais” (GOLDBERG, 1995, p. 28), ou seja, a esquemas ou tipos de eventos, como “X causa Y receber Z” ou “X age” etc. Por exemplo, o verbo *quebrar* está associado aos papéis participantes 'quebrador' e 'quebrado'. Já a construção transitiva está associada a papéis argumentais mais esquemáticos como agente, paciente, etc.

Partindo das teorizações de Goldberg, Ciríaco (2014) propõe usar as representações semânticas de grupos de verbos nos termos da linguagem de predicados semânticos primitivos<sup>1</sup> como uma ferramenta na delimitação do significado de construções de estrutura argumental.

Segundo Levin e Rappaport (2010), as representações semânticas de classes de verbos permitem, por meio dos predicados semânticos primitivos, verificar os aspectos de significado mais gerais associados à classe como um todo, e, ao mesmo tempo, preservam, por meio da *raiz*, os aspectos mais específicos e idiossincráticos do significado de cada verbo da classe. Por exemplo, a classe dos verbos de experiência, como *amar* e *adorar*, tem a seguinte representação v: [X EXPERIENCE <THING> for Y], conforme Ciríaco (2011). A representação indica que os verbos dessa classe têm em comum o significado de experiência, representado pelo predicado EXPERIENCE. A raiz, que aparece entre colchetes angulados, é o que difere cada verbo em particular.

No caso dos verbos de experiência, a raiz é de tipo ontológico THING, e especifica o tipo de experiência lexicalizada por cada verbo. Para *amar*, é uma experiência de AMOR: fazendo a leitura a partir da representação específica do verbo *amar*, diz-se que seu significado envolve uma experiência de amor de X por Y (ou, na representação, X EXPERIENCE <AMOR> for Y).

A partir dessa representação, é também possível inferir os papéis argumentais que cada papel participante da cena evocada pelo verbo irá assumir na construção transitiva, de acordo com a posição que eles ocupam em relação aos predicados (cf. Ciríaco, 2014). Para os verbos de experiência, o participante X do verbo que for associado ao primeiro argumento da construção transitiva estará associado ao papel argumental de experienciador – visto que X é o argumento que encabeça o predicado EXPERIENCE; já o participante do verbo Y que se associar ao segundo argumento na construção transitiva estará associado ao papel de objeto da experiência.

Seguindo esse raciocínio, Ciríaco (2014) esclarece que para determinar o significado de uma construção na língua é preciso adotar o seguinte procedimento metodológico: primeiramente, procede-se à checagem da compatibilidade de várias classes de verbos com a construção de estrutura argumental que se quer descrever; posteriormente, procede-se à verificação das descrições semânticas das classes de verbos que são compatíveis com a construção.

Nessa etapa, é importante verificar: os predicados semânticos mais recorrentes, a possibilidade de se generalizar quanto a um aspecto de sentido comum entre as classes ou a possibilidade de estabelecer uma rede de sentidos relacionados para a construção estudada, baseando-se num significado mais prototípico e em significados menos prototípicos, mas relacionados, por exemplo. As seguintes situações são possíveis: i) a construção pode se

compatibilizar com apenas uma classe ou grupo de verbos – nesse caso, seu significado é igual ao significado dessa classe ou à parte do significado dessa classe e pode ser representado usando-se a própria representação proposta para a classe<sup>2</sup>; ii) a construção pode se compatibilizar com mais de uma classe de verbos – nesse caso, é preciso investigar se essas classes podem ser analisadas como que formando um grupo semântico maior e mais geral ou se essas classes devem ser tratadas como extensões metafóricas de um significado prototípico. Na primeira possibilidade, o significado da construção pode ser descrito em termos do significado do grupo formado pelas classes compatíveis; já na segunda possibilidade, o significado da construção será descrito em termos de uma rede de significados relacionados, sendo o significado de uma classe tomado como prototípico e os significados das outras como relacionados a esse significado principal.

Neste trabalho, não será desenvolvida nenhuma representação semântica para classes de verbos. As classificações dos verbos analisados foram emprestadas de Ciríaco (2011) e serão tomadas apenas descritivamente, sem nenhum comprometimento com uma teoria ou metodologia de descrição de classes em predicados semânticos primitivos. O importante é aproveitar uma linguagem (ou parte dela) que sirva para espelhar os tipos de eventos e as estruturas semânticas contidas nos significados de construções em geral e, em particular, formalizar o significado da construção ergativa. As classes de verbos analisadas são as mesmas já descritas por Ciríaco e também não serão detalhadas aqui, porque este não é o objetivo deste artigo. O leitor interessado pode consultá-las diretamente no trabalho mencionado.

Ainda sobre a representação do significado de verbos, não se concorda com a assunção de que essas representações preservam os aspectos mais específicos e idiossincráticos do significado de cada verbo em particular. De fato, essas representações correspondem, elas próprias, a estruturas semânticas de construções de estrutura argumental. Não se pode dizer que [X EXPERIENCE <AMOR> for Y] corresponde ao significado do **verbo** *amar* apenas porque a parte estrutural correspondente à raiz foi preenchida pela ontologia AMOR. O que essa representação reproduz é a estrutura de argumentos desse verbo numa configuração oracional existente na língua, a saber, a construção transitiva.

Assim, a estrutura [X EXPERIENCE <THING> for Y] reflete, na verdade, a construção transitiva elaborada por verbos de experiência, como mostra Ciríaco (2014), e não o significado dos verbos de experiência em si. Nesse sentido, concorda-se com Goldberg quando ela afirma que verbos estão, na verdade, associados a uma semântica rica e bem específica, e não a uma semântica esquemática como a representada por predicados semânticos, que na verdade

explicita apenas sua estrutura de argumentos numa construção da língua - a transitiva. A representação do significado de conjuntos de verbos com sentido semelhante em predicados semânticos primitivos tem como objetivo descrever, em termos **esquemáticos**, o evento denotado por eles. O evento descrito por certos conjuntos de verbos equivale ao significado de construções de estrutura argumental ou funciona como um nível intermediário de abstratação na determinação desse significado construcional.

Assim, observar a semântica que emerge de agrupamentos de verbos pode ser uma ferramenta útil na determinação do significado de construções de estrutura argumental, mas não esgota as possibilidades de significação das construções, muito menos serve para dar o significado de verbos em particular.

A análise dos dados se deu seguindo também a metodologia tradicional: uso da introspecção em conjunto com as ferramentas do pensamento analítico - manipulação de ideias, abstração, comparação e arazoado (TALMY, 2007). Não foi utilizado nenhum *corpus* de língua em uso pela dificuldade de se recortar nesse tipo de *corpus* os dados necessários a esta pesquisa em particular, mas, como afirma Talmy, é importante realçar que a introspecção é a metodologia aplicável às estruturas de formas e expressões linguísticas por excelência e o uso de *corpus* não suprime o pensamento analítico, que é introspectivo por natureza. Ainda assim, reconhece-se que o uso de sentenças produzidas em contexto de uso real da língua enriqueceria a pesquisa e pode vir a ser feito em trabalho futuro, a fim de dar mais embasamento aos resultados alcançados. Afinal, uma metodologia não exclui a outra, tratam-se de metodologias complementares.

Para finalizar esta parte do artigo, é importante frisar que no modelo proposto por Goldberg o significado dos verbos é uma constante e não há necessidade de se postular entradas lexicais adicionais para explicar as diferentes propriedades valenciárias que um verbo pode assumir. Quando um verbo se combina com uma construção de estrutura argumental, o significado final é resultado da interação entre o significado do verbo e o significado da construção. Por sua vez, as construções de estrutura argumental são responsáveis pelo mapeamento entre verbos e padrões oracionais, não sendo necessária a postulação de regras de projeção ou outros mecanismos sintáticos.

### A família de construções ergativas

A ergativa é um padrão oracional bastante produtivo em português. A classe dos verbos causativos de mudança de estado<sup>3</sup>, como *quebrar*, *acalmar* e *preocupar* são **verbos compatíveis** com a construção por excelência:

- (1) A janela da cozinha se quebrou/ A janela da cozinha quebrou.
- (2) O bebê se acalmou/ O bebê acalmou.
- (3) A babá se preocupou / A babá preocupou.

Nesses exemplos, é possível identificar a forma da construção ergativa - monoargumental - associada ao seu significado de mudança de estado - a janela mudou do estado inteira para quebrada; o bebê mudou do estado não calmo para calmo e a babá mudou do estado não preocupada para preocupada<sup>4</sup>. Os exemplos também mostram que verbos causativos de mudança de estado podem elaborar a construção ergativa com ou sem o clítico *se*. Outros verbos que elaboram a construção ergativa do mesmo modo são: abrir, amassar, arrebentar, colar, descolar, descosturar, desencaixar, desfiar, desligar, encaixar, entornar, entortar, entupir, espalhar, estragar, esvaziar, fechar, iluminar, incendiar, queimar, rachar, rasgar, trincar, animar, assustar, deprimir, desanimar.

Ao contrário do que Ciríaco afirma, verbos "agentivos de afetação", como *afiar*, *limpar*, *cortar* e *lavar* também são compatíveis quando em contexto apropriado, como mostram as sentenças seguintes:

- (4) A faca grande afiou, mas a pequena não.
- (5) A minha lousa limpou, e a sua?
- (6) A carne de porco já cortou.
- (7) A roupa ainda está lavando.<sup>5</sup>

A construção ergativa continua sendo elaborada, dessa vez, sem o clítico e combinando-se com outras construções como *já*, *ainda*, e a construção de gerúndio. Apesar dessas diferenças, é possível identificar sua forma - monoargumental - e seu significado - mudança de estado: a faca mudou de um estado em que estava cega para um estado em que ficou afiada; a lousa mudou de suja para limpa; a carne mudou de inteira para cortada e a roupa também mudou de suja para lavada. Do ponto de vista sintático, esses exemplos ilustram casos em que, segundo

Boas (2011:1272), os falantes produzem "sentenças tipicamente inaceitáveis como aceitáveis, dado o contexto apropriado". Ou seja, talvez a construção ergativa não seja possível sem a combinação desses outros elementos na sentença, mas passa a ser possível com eles. Outros verbos que produzem instâncias semelhantes são: afiar, afinar, aspirar, cortar, enxugar, lavar, limpar, partir, passar, pintar, pendurar, regular, remover, soldar, varrer.

A ergativa também é elaborada por verbos tradicionalmente classificados como inacusativos<sup>6</sup>:

(8) Essa fruta amadureceu.

(9) O bebê já dormiu.

(10) Minha gata morreu ontem.

(11) O astronauta desmaiou no teste.

(12) Minha chave sumiu.

(13) E o milagre aconteceu.

Elaborações semelhantes podem ser produzidas com os verbos: adormecer, aparecer, surgir, desaparecer, acontecer, desabrochar, chegar, florescer, nascer, brotar, partir, ocorrer, murchar, germinar, adoecer, decair, desfalecer, despertar, fracassar, cair, sair. Em todas elas, a forma e o significado da construção ergativa podem ser constatadas, apesar de alguns verbos não parecem evocar exatamente uma mudança de estado: a fruta mudou de um estado não maduro para um estado maduro, o gato também mudou de um estado vivo para morto, e pode-se dizer, de certo modo, que o bebê mudou de um estado "desperto" para "dormindo", mas parece estranho dizer que a chave mudou de "aparecida" para "sumida" ou que o milagre mudou de não existente para "acontecido". Entretanto, quando se diz que "minha chave sumiu", não se está dizendo que a chave em si mudou, o que se está fazendo é conceptualizar um evento de mudança de estado geral da chave em relação ao falante/ouvinte.

Nesses casos, é a construção que permite uma conceptualização do evento nesses termos. É importante observar que construções independentes com significado próprio são capazes de adicionar argumentos e semântica a verbos (Goldberg, 1995). O papel de paciente, ou seja, aquele que muda de estado é acrescido ou sobreposto à semântica dos verbos e de seus participantes através da semântica da própria construção. Ou seja, a construção ergativa faz com verbos sofram um tipo de coerção semântica, obtendo assim a propriedade semântica



necessária para sua compatibilização. Esse mecanismo permite, inclusive, explicar novas ocorrências para além da previsibilidade decorrente do significado da construção em si.

Vários outros verbos não elaboram a construção ergativa. Das onze classes de verbos descritas em Ciríaco (2011), sete são **verbos não-compatíveis**, a saber, segundo a autora: agentivos de lugar, como *arquivar*; agentivos de *locatum*<sup>7</sup>, como *adubar*; agentivos de criação, como *fabricar*; agentivos benefactivos como *ajudar*; verbos de experiência, como *estimar*; verbos de obtenção, como *conseguir* e verbos de estado puro, como *custar*:

- (14) \*A pasta se arquivou. / \*A pasta arquivou.
- (15) \*O jardim se adubou. / \* O jardim adubou.
- (16) \*O carro se fabricou. / \*O carro fabricou.
- (17) \*O vizinho se ajudou. / \*O vizinho ajudou.
- (18) \*A criança se estimou. / \*A criança estimou.
- (19) \*A vaga se conseguiu. / \*A vaga conseguiu.
- (20) \*Cem reais se custaram. / \*Cem reais custaram.

Dessa forma, independentemente da classe do verbo (e de outras construções ou elementos que podem se combinar à construção ergativa para de fato instaciá-la), o que todos as ocorrências de (1) a (13) têm em comum é: i) do ponto de vista sintático, uma forma monoargumental que pode se manifestar com ou sem o clítico (seja o *se* ou o clítico correspondente à pessoa do sujeito) ou seja, *Sujeito clítico V* ou *Sujeito V*; ii) do ponto de vista semântico/pragmático, o fato de seus significados evocarem uma cena em que há uma mudança de estado acontecendo e de seus sujeitos estarem associados ao papel de paciente.

Vale observar que apenas verbos causativos elaboram a construção com o clítico. Já a construção sem o clítico é subespecificada, sendo elaborada por verbos causativos, verbos agentivos de afetação e verbos inacusativos. A presença ou ausência do clítico não parece efetuar nenhuma alteração no significado da construção como um todo, mas apenas acrescentar algumas nuances de sentido. Ciríaco (2011) confere ao clítico a função de desfocalização do agente evocado pela semântica do verbo, que é cortado na construção (cf. Goldberg, 1995).

Por outro lado, poderia-se pensar que a função de desfocalização do agente está sendo incorporada à própria construção, que por si só focaliza apenas o participante não agentivo. O foco da construção ergativa, em contraste com a transitiva, não é mais a ação, mas sim o resultado dela, que é a mudança de estado; daí o argumento paciente ser associado à posição de

sujeito, que é a posição de proeminência na sintaxe - nesse sentido, a forma da construção responde a sua função e se mostra semanticamente motivada. Ainda assim, a função do clítico na construção ergativa é ainda assunto obscuro e precisa ser investigada em trabalho futuro.

De todo modo, salvo diferenças dialetais, existe o consenso de que a ergativa tem sido usada, cada vez mais, sem o clítico. Assim, entende-se que à medida que a construção ergativa foi sendo elaborada sem o clítico por verbos causativos, essa forma passou a evocar novas conceptualizações, permitindo que verbos de outras classes (como os verbos agentivos de afetação) se combinassem e fornecessem outras nuances de sentido.

A partir dessa primeira análise, surge a questão: como descrever e prever a produtividade da família de construções ergativas? Para respondê-la, propõe-se, com base em Goldberg (1995), que as construções que fazem parte da família das ergativas têm as seguintes representações, com e sem o clítico respectivamente:

(21) **Sem**                    {**Paciente**}    **BECOME <STATE>**  
**F:** cut Ag  
**R:** instância    {            }            **PRED**  
**Sin**                    **Sujeito**    **clítico**    **V**

(22) **Sem**                    {**Paciente**}    **BECOME <STATE>**  
**F:** cut Ag  
**R:** instância    {            }            **PRED**  
**Sin**                    **Sujeito**                    **V**

As representações em (21) e (22) descrevem os polos semânticos (Sem) das construções ergativas, a função (F) da construção, que nesse caso é de corte de qualquer participante que elabore a função de agente, a relação (R) do predicador/verbo (PRED) com cada construção e seu polo sintático (Sin). A Semântica das construções ergativas é capturada pela descrição BECOME <STATE> - que, segundo Parsons (1990), equivale à semântica de mudança de estado. A R(elação) é de instância, ou seja, o tipo de evento designado pelo verbo ou é uma instância do evento mais geral designado pela construção ou é coercitivamente conceptualizado como tal, caso de verbos que não exprimem exatamente uma mudança de estado, mas podem ser conceptualizados como tal. O papel e o tipo de coerção que ocorre na construção ergativa

não pode ser devidamente investigado, mas constituem questões a serem exploradas em trabalho futuro.

A compatibilização entre verbo e construção se dá da seguinte maneira. Um verbo como *quebrar* integra-se em PRED (predicador). Seu significado, que é algo como [CAUSE BECOME <STATE>] está associado a dois participantes, um participante "quebrador" e um participante "quebrado". Pelo princípio da coerência semântica, os participantes do verbo devem se fundir por compatibilidade semântica aos papéis argumentais da construção. O papel participante de "quebrado", que é inserido no espaço dos colchetes notados logo antes de PRED, funde-se, por compatibilidade semântica, com o único papel argumental da construção, o Paciente. O participante "quebrador" é cortado, pois esta é a função da construção ergativa, conforme F.

Por fim, o mapeamento entre o polo semântico e o polo sintático da construção ergativa é feito internamente. O verbo *quebrar*, integrado em PRED, é mapeado em V. O papel argumental de paciente, integrado com o papel participante de "quebrado", é mapeado na posição de sujeito. Com o mapeamento, dá-se a associação entre forma e significado.

### **Considerações Finais**

Neste artigo, foram analisadas sentenças ergativas a partir da perspectiva teórica da Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006). Mostrou-se que a ergativa é um padrão oracional em português com forma e significado próprios, constituindo-se uma construção de estrutura argumental. Mostrou-se também que a construção ergativa não se limita a verbos causativos, podendo se compatibilizar também com verbos agentivos de afetação e verbos inacusativos, de diferentes maneiras, inclusive fazendo com que verbos sofram algum tipo de coerção e obtenham a propriedade semântica necessária para sua compatibilização.

A análise ainda evidenciou o fato de que a ergativa trata-se de uma família de duas construções relacionadas - uma com, e outra sem o clítico. Além disso, foi proposta uma representação para as construções ergativas de modo a descrever sua semântica e sua sintaxe e prever sua produtividade. Esta pesquisa também deixou as seguintes questões abertas para trabalhos futuros: as relações entre a construção ergativa e outras construções que facilitam seu licenciamento no contexto apropriado, o papel da coerção semântica e a função do clítico e sua relação com a construção sem o clítico.

**Notas:**

\*Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, MG, Brasil. Email: laciriaco@gmail.com. A autora agradece o apoio financeiro do Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados e Recém-Doutorados da UFMG.

1) Muitos trabalhos já exploraram a ideia da existência de primitivos semânticos na representação do significado: desde o trabalho clássico de Dowty (1979); a semântica conceptual de Jackendoff (1993, 1990, 1997); a semântica ontológica (cf. Nirenburg and Raskin 2004); os importantes trabalhos na interface entre semântica-lexical e sintaxe de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998, 1999, 2005), Rappaport-Hovav e Levin (1998, 2003, 2010), Wunderlich (1997, 2000, 2009) e de Van Valin e Lapolla (1997) e Van Valin (2005) para a RRG; a metalinguagem semântica natural (NSM) de Wierzbicka (cf. Goddard e Wierzbicka (2002)); as representações semânticas em termos de *templates* lexicais (cf. Mairal e Quintero (2002), Mairal (2003, 2004), etc). Até em modelos cognitivos é assumido que em algum nível devem existir unidades menores de significado para codificar o conteúdo conceptual, conforme Lafoff (1987).

2) Nesse caso, a "classe" a que pertence o verbo é, ela própria, uma construção de estrutura argumental, como explicado mais adiante no artigo. É importante observar níveis de generalização/esquematicidade: do item verbal, mais específico e menos esquemático, passando por uma classe de itens verbais e chegando ao padrão oracional.

3) Verbos de mudança de estado já foram extensivamente estudados e identificados na literatura. Algumas das principais referências são: Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998, 2005); Levin (1999) e Parsons (1990). Em português, Ciríaco (2011, 2014) os divide em: i) verbos causativos/agentivos de mudança de estado físico, como *quebrar* – em que o resultado da causação ou ação é uma mudança de estado física; ii) verbos causativos/agentivos de mudança de estado psicológico, como *acalmar* – em que o resultado da causação ou ação é uma mudança de estado psicológico; iii) verbos estritamente causativos de mudança de estado psicológico, como *preocupar* – em que pode haver apenas uma causação, mas nunca uma ação, cujo resultado é uma mudança de estado também psicológico. Esses aspectos específicos de seu sentido não são relevantes para a compatibilização com a construção ergativa e não serão explorados neste artigo.

4) Parsons (1990) propõe um teste de acarretamento para identificar verbos de mudança de estado: no caso de *a janela quebrou*, é acarretado que a janela "ficou quebrada".

5) Segundo Negrão e Viotti (2010), esses seriam casos de "sentenças absolutas", como decorrência do tipo de conceptualização absoluta, cada vez mais frequente em português.

6) Ver Perlmutter (1978) e Burzio (1986). Os verbos testados foram colhidos de Ciríaco e Cañado (2006).

7) A literatura sobre *locatum verbs* é extensa; o leitor interessado pode consultar principalmente Hale e Keyser (2002) ou até mesmo Ciríaco (2011) para maiores informações.

**Referências**

BOAS, H. C. Coercion and leaking argument structures in Construction Grammar. *Linguistics* 49–6, 2011. p. 1271–1303.

BURZIO, L. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação de mestrado. UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. Tese de doutorado. UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. A construção transitiva no PB: associando a gramática de construções à decomposição semântica de predicados. *Alfa Revista de Linguística*. 2014.

\_\_\_\_\_; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 2006.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel. 1979.

GODDARD, C.; WIERZBICKA, A. *Meaning and Universal Grammar: Theory and Empirical Findings*. Amsterdam: John Benjamins. 2002.

GOLDBERG, A. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

JACKENDOFF, R. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press. 1983.

\_\_\_\_\_. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge MA: MIT Press. 1997.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press. 1987.

LEVIN, B. Further Explorations of the Landscape of Causation: Comments on the Paper by Alexiadou and Anagnostopoulou. *Proceedings of the Workshop on Greek Syntax and Semantics, MIT Working Papers in Linguistics 49*. MIT, Cambridge, MA, p. 239-266, 2009.

\_\_\_\_\_; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Objecthood: an event structure perspective. *CLS*, n. 35, v. 1, 1999.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Building verb meanings. In: Butt, Miriam/Geuder, Wilhelm (eds.). *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Chicago, CSLI Publications: 21-63. 1998.

MAIRAL USÓN, R.; QUINTERO, M. J. Pérez (eds) *New perspectives on argument structure in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

\_\_\_\_\_. *Why the notion of lexical template*. Anglogermánica online 2002-1. 2003.

\_\_\_\_\_. La reglas léxicas en la Gramática del Papel y la Referencia. In Wotjak, G. y Cuartero Otal, J.: *Algunos problemas específicos de la descripción sintáctico-semántica*. Berlín, Frank & Timme Verlag., 2004, pp. 175-196.

NEGRÃO, E.V.; VIOTTI, E. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Linguística*, 23, 2010. p. 37-58.

NIRENBURG, S.; RASKIN, V. *Ontological semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: a study in subatomic semantics*. Currents Studies in Linguistic Series: 19. Cambridge: MIT Press, 1990.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: *Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, p. 157-189, 1978.

RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. BUTT, M; GEUDER, W. (eds.) *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford: CSLI Publications, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Roots and Templates in the Representation of Verb Meaning*. Department of Linguistics, Stanford University, Stanford, CA, May 15, 2003.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Reflections on Manner/Result Complementarity. E. Doron, M. Rappaport Hovav, e I. Sichel (eds.) *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38, 2010.

TALMY, L. Foreword. In González-Márquez, Mónica et al., eds. 2007. *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins. 2007.

VAN VALIN, R. D. Jr.; LAPOLLA, R. *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WHITAKER-FRANCHI, Regina C. M. *As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1989.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, 1997. p. 27-68.

\_\_\_\_\_. Predicate Composition and Argument Extension as General Options – a study in the Interface of Semantic and Conceptual Structure. In: Stiebels, B. e Wunderlich, D. (orgs). *The Lexicon in Focus*, 247-270. Berlin: Akademie Verlag. 2000.

\_\_\_\_\_. Lexical Decomposition. In: Hinzen, W. *et al.* (Orgs) *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.